

SOMOS PURI (Cinema Voz Indígena #1; Cinema Voz Indígena #6)

Tutushamam Puri ¹

Nós, Puri, somos um povo indígena do Sudeste do Brasil. Dois símbolos importantes do nosso território são o Rio Paraíba do Sul e a Serra da Mantiqueira, que percorrem nosso território ancestral na região onde hoje ficam as divisas dos quatro estados do Sudeste. Devido a toda violência colonial, imperial, republicana – em especial o ciclo do ouro e do café – os Puri chegaram ao século XX com grandes impactos na sua população, na cultura e também na língua.

Nós, Puri, conhecemos algumas palavras da nossa língua hoje pela via da oralidade, porque elas se mantiveram mescladas ao português, entre algumas famílias. Ao mesmo tempo, existem registros feitos no século XIX – principalmente por pesquisadores estrangeiros – coletando palavras da língua puri. Na virada do século XX para o século XXI a gente vê os próprios Puris fazendo ações de retomada da língua, se apropriando desses registros da oralidade dos nossos antigos; Puris desenvolvendo estudos autônomos sobre esses registros; Puris reunindo esses registros com a oralidade existente. Em Minas Gerais isso vai acontecer no contexto da Dança de Caboclo, da comunidade Puri de Araponga, com Jurandir traduzindo um canto em português para o puri, e acrescentando uns versos num antigo canto Puri. Na Aldeia Maraká'nà, no Rio de Janeiro, Dauá quem vai iniciar a prática desses cantos. Quando eu chego na Aldeia Maraká'nà, eu vejo essa prática coletiva dos cantos – que na nossa língua a gente chama de *kanaremundé*. São cantos em roda, com maracá, fogueira, e com forte conteúdo espiritual. Nesse contexto surge a inspiração de um canto para a Lua, *Petara*, que eu apresento em 2011. Logo no ano seguinte o Dauá apresenta para a gente um canto para o Sol, *Ho thiuli opeh*. Estes seriam os primeiros cantos surgidos na vivência dos Puri na Aldeia Maraká'nà. Este é o quadro que eu compartilho com meu amigo João Paulo Ribeiro em 2011, quando eu estava começando meus estudos para retomada e fortalecimento da língua puri.

Nesses dez anos que tem de lá para cá, o que eu posso contar é que esse trabalho se desdobrou na formação de um grupo puri de revitalização, prática e ensino da língua puri, em 2018; foi a criação do projeto *Txemim Puri* – que significa ‘Povo Puri’. As análises desse grupo sobre os registros escritos e sobre a oralidade Puri geram um vocabulário, que foi publicado em 2018 – é o primeiro vocabulário de autoria nossa, Puri. A continuidade dessas análises vai ampliar grandemente o vocabulário, e aí a gente tem uma segunda edição agora neste ano, que saiu na Revista Brasileira de Línguas Indígenas. Nós temos uma comunidade de falantes que têm a língua puri retomada na comunicação. A gente tem grupos de WhatsApp onde toca o trabalho de revitalização da língua com os Puris que se encontram distantes. E hoje nossos *kanaremundé* chegam perto de cinquenta. Uma coisa que precisa sempre ser destacada sobre esse nosso processo de retomada da língua é a importância do território, da Aldeia Maraká'nà nisso. Aquele território indígena resistindo a diversos despejos ao longo de 15 anos, na capital do Rio de Janeiro, possibilitou a vivência coletiva Puri que levou a esse processo na nossa língua. O trabalho de Urutau Guajajara – cacique da Aldeia Maraká'nà e também linguista – é um trabalho de promoção e fortalecimento das línguas indígenas. Sem dúvida isso influenciou no nosso processo. Foi ele quem apresentou para nós o trabalho de Čestmir Loukotka, que tem a maior quantidade de registros de oralidade dos nossos antigos. Agora, vamos conhecer um canto Puri, *Taheantah*:

¹ Representante do Movimento Resistência Indígena Puri - Txemim Puri.

Letra Indígena, São Carlos, v. 1, n.18, 2021, p. 19-21.

Número Especial – Programa Voz Indígena – uma experiência cinematográfica

www.leetraindigena.ufscar.br

<p>Taheantah (Siba Carvalho)</p> <p>Taheantah, ah muya brotxen txina xuteh Ah muya koya tigagika dieh Eu tô distante do meu povo, meu povo ah muya Tô precisando de uma fogueira na beira de um krauma Ô irmãozinho estelar, cabra da peste, será que eu posso mesmo teletransportar? Sair de Olinda daqui pro Sudeste pros sate prika tudo eu abraçar.</p> <p>Taheantah, ah muya brotxen txina xuteh Ah muya koya tigagika dieh Meu idioma não é português Puri kwaytikindo he tlera matu Estamos vivos e mais uma vez Tamo retomando tudo, ey txemim orutu Day uxó ah txo omi matu ambo Ah toxeta bokua, kara ah hon aripuagwera</p> <p>Taheantah, ah muya brotxen txina xuteh Ah muya koya tigagika dieh</p>	<p>Ancestral, eu quero fazer a coisa certa Eu quero falar igual a você ah muya: eu quero krauma: encontro</p> <p>sate prika: irmãos</p> <p>Ancestral, eu quero fazer a coisa certa Eu quero falar igual a você</p> <p>Língua puri é muito bonita</p> <p>ey txemim orutu: meu povo valente Na aldeia eu vejo uma bonita árvore Eu vou subir, aqui eu estou contente</p> <p>Ancestral, eu quero fazer a coisa certa Eu quero falar igual a você</p>
---	--

Na área rural de Minas Gerais existem comunidades Puri em territórios de ocupação tradicional da nossa etnia. Elas se organizam em associações, que lutam pela terra e também por outros direitos, como a educação. A Associação de Agricultores Familiares de Araponga surgiu na década de 80 do século XX, e foi responsável pelo assentamento de mais ou menos 200 famílias em pequenas propriedades rurais. Isso é o que eles chamam de *Conquista de Terra em Conjunto*: é uma estratégia que envolve a geração de um fundo coletivo para a compra de terra que, depois das famílias assentadas e estabilizadas economicamente, se amplia com a inclusão de outras famílias, que reúnem fundos e adquirem mais terras. Essa estratégia tornou possível que as famílias pudessem permanecer no território de ocupação tradicional. Essa associação também foi responsável pela criação da EFA (Escola Família Agrícola) Puris, que é uma instituição de ensino médio técnico onde os conhecimentos Puri no trato com a terra e o meio ambiente são combinados com técnicas modernas de agroecologia e manejo sustentável dos recursos naturais.

Em Barbacena, a comunidade Puri de Padre Brito é reconhecida pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Barbacena como patrimônio cultural imaterial. Lá, a prefeitura colocou no seu calendário oficial o Festival da Cultura Indígena Puri, que é organizado pela Associação Regional dos Remanescentes de Índios Puri Padre Brito. A escola que atende as crianças em Padre Brito ainda é uma escola convencional – isto é, não-indígena – onde houve a iniciativa de uma professora, que fez com que as crianças tivessem um primeiro contato com a língua puri, através do aprendizado do canto *Ho Bugure*.

No ambiente urbano existem coletividades Puri estruturadas em movimentos. No estado do Rio de Janeiro, esses movimentos se originaram do contato dos Puris com a Aldeia Maraká'nà – que é uma aldeia pluriétnica em contexto urbano, que fica no bairro do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. Ela se formou no ano de 2006, com um grupo de indígenas de mais ou menos 16 etnias diferentes. Eles ocuparam um imóvel que tem toda uma história ligada aos povos indígenas e ao indigenismo: lá foi a

primeira sede do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910, e mais tarde esse imóvel abrigou o Museu do Índio até 1978 – quando ele foi transferido para a atual sede, em Botafogo. Desde aquela época o espaço estava abandonado, e em 2006 ele foi ocupado e rebatizado como Instituto Tamoio dos Povos Originários – que resultou na Aldeia Maraká'nà.

Aquele lugar se tornou um espaço de visibilidade da presença indígena na cidade, de valorização das culturas originárias e também de acolhimento aos indígenas de passagem pela cidade do Rio de Janeiro. A ocupação daquele espaço teve a motivação de defender o seu valor histórico, e lutar para que ele tivesse uma destinação voltada aos saberes das culturas indígenas – algo condizente com a própria documentação referente ao imóvel. A Aldeia Maraká'nà sofreu uma primeira ação de despejo no ano de 2013; o governo do estado do Rio de Janeiro justificou isso como parte da preparação para a Copa do Mundo de 2014. Foi uma ação violenta, que teve uma repercussão internacional. Nos anos seguintes, outras ações dessa natureza tentaram expulsar os indígenas do espaço. Mas a aldeia segue resistindo até hoje, realizando atividades interculturais com a sociedade não-indígena, como vivências, oficinas, palestras sobre culturas indígenas, línguas originárias, território, direitos e políticas indigenistas. A formação de uma coletividade Puri na Aldeia Maraká'nà começou quando Dauá Puri veio morar lá, por volta de 2009. Graças a essa grande visibilidade da Aldeia Maraká'nà os Puris dispersos por vários estados brasileiros vão tomando conhecimento da presença da etnia na aldeia, e vão buscando ela e estabelecendo vivência coletiva no território desde então. Na nossa época, a Maraká'nà é a primeira aldeia que nós temos notícia que os Puri puderam considerar sua, devido a esse seu caráter pluriétnico. E para podermos sempre continuar, vamos conhecer o canto *Omi Puri Fahata Day*:

<p><i>Omi Puri Fahata Day</i> (Xindedá Puri Teyxokawa. Música: Tutushamum Puri Teyxokawa)</p> <p>Omi puri fahata day ta yamoeni yuñun boase xuteh koya Man ti yamoeni fahata day hon Man omi tahe tutak ansehon baytxina ta boase day tlamun Makim nat man ti fahata day hon Txo ey heroyma, txo tehon tutak sate: yuñun fahata ta yuñun ngwe tehon ansehon ta taheantah tri bay brotxen</p>	<p>Um puri numa caixa diz que suas palavras são boas Quem é ele, que está na caixa? Ele é um espírito antigo cuja medicina caminha na palavra Mas por que ele está na caixa? Veja, minha criança, veja aquele espírito irmão: sua caixa é sua cabeça aquela cujos saberes ancestrais torna vivos)</p>
---	---